



05/12/2014 - Telesíntese

Operadoras de celular querem acelerar 4G na 700 MHz

As quatro operadoras de telecomunicações - Algar Telecom, Claro, Tim e Vivo - assinaram hoje com a Anatel o contrato de outorga da licença de 700 MHz para o qual depositaram um cheque de R\$ 5,07 bilhões nos cofres do Tesouro Nacional. E seus dirigentes já defendem a antecipação da ocupação desta faixa, que inicialmente está prevista para apenas 2018, com o completo desligamento dos sinais de TV analógica. “É possível fazer a transição em menor tempo, mas com segurança, para preservar aqueles que recebem o sinal de TV e aqueles que não têm o acesso 4G, passarem a tê-lo”, afirmou o presidente da Telefônica Vivo, Antonio Carlos Valente. “Agora, temos muito trabalho pela frente, e será possível adiantar o ingresso da 4G”, defendeu o presidente da Claro, Carlos Zenteno. “Acreditamos que a antecipação da 4G será uma evolução, visto que a sociedade beneficiada com a TV digital e a banda larga 4G pressionará os demais municípios”, aposta Mario Girasoli, vice-presidente da TIM Brasil.

As quatro operadoras de telecomunicações – Algar Telecom, Claro, Tim e Vivo – assinaram hoje com a Anatel o contrato de outorga da licença de 700 MHz para o qual depositaram um cheque de R\$ 5,07 bilhões nos cofres do Tesouro Nacional. E seus dirigentes já defendem a antecipação da ocupação desta faixa, que inicialmente está prevista para apenas 2018, com o completo desligamento dos sinais de TV analógica. “É possível fazer a transição em menor tempo, mas com segurança, para preservar aqueles que recebem o sinal de TV e aqueles que não têm o acesso 4G, passarem a tê-lo”, afirmou o presidente da Telefônica Vivo, Antonio Carlos Valente. “Agora, temos muito trabalho pela frente, e será possível adiantar o ingresso da 4G”, defendeu o presidente da Claro, Carlos Zenteno. “Acreditamos que a antecipação da 4G será uma evolução, visto que a sociedade beneficiada com a TV digital e a banda larga 4G pressionará os demais municípios”, aposta Mario Girasoli, vice-presidente da TIM Brasil.

O presidente da Algar Telecom, Divino Sebastião Souza, afirmou que espera que, em sua região – cerca de 100 municípios de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Mato Grosso-, dentro de um ano já consiga antecipar a entrada da banda larga 4G nos municípios cuja transição está prevista para mais tarde. Ele afirmou ainda que a empresa ainda avalia como vai

pagar por toda a faixa – que lhe custou R\$ 26 milhões. Hoje a operadora só depositou 10% do valor, mas ele disse que está buscando financiamento para pagar o restante do dinheiro.

Zenteno, da Claro, acha por exemplo, que se deveria estudar a fundo a situação do Rio de Janeiro, para viabilizar o ingresso da 4G na capital em 2016, quando ocorrerá as Olimpíadas. Ele entende que é um processo complexo, devido a ocupação de todo o espectro pela TV aberta, mas acha que seria importante ter a faixa limpa para a banda larga móvel durante os jogos olímpicos. Pelo cronograma divulgado pelo Ministério das Comunicações, o switch off da TV analógica no Rio de Janeiro e São Paulo será uma das últimas etapas do processo, somente em 2017.

EAD

Segundo o presidente da Anatel, João Rezendes, em 15 dias haverá a primeira reunião da EAD (Entidade Administradora da Digitalização) que irá definir as prioridades para o início do processo de desligamentos dos canais de TV. Dentro de 90 dias as empresas terão que depositar 30% dos R\$ 3,6 bilhões que as emissoras de radiodifusão e os usuários de baixa renda irão receber para saírem da faixa e digitalizarem os sinais de TV aberta.



05/12/2014 - Telesintese

America Móvil investe R\$ 10 bi no Brasil em 2015

No próximo dia 18 de dezembro está convocada a assembleia para a aprovação da fusão das três empresas do grupo - Claro, Embratel e NET- que serão incorporadas pela Claro.

No próximo dia 18 de dezembro está convocada a assembleia para a aprovação da fusão das três empresas do grupo – Claro, Embratel e NET- que serão incorporadas pela Claro.

O presidente da Claro, Carlos Zenteno, reafirmou hoje o compromisso do grupo – Claro, Embratel e NET – de investir R\$ 10 bilhões no próximo ano no Brasil. Segundo ele, este volume de inves-

timentos foi apresentado durante a conferência de divulgação dos resultados do terceiro trimestre.

Zenteno afirmou que a empresa que dirige vai continuar a investir nas redes de 3 G e 4G e comemorou os índices de qualidade alcançados pela operadora, que está conquistando melhores indicadores da Anatel, e a ampliação do market share da operadora nos últimos dois meses.

05/12/2014 - Telesintese

Teles batem recorde de investimentos este ano: R\$ 30 bilhões, diz ministro

O ministro das Comunicações Paulo Bernardo, afirmou hoje, que as operadoras de telecomunicações fecharão o ano investindo R\$ 30 bilhões, sem contar com os R\$ 5 bilhões pagos hoje pela frequência de 4G.

O ministro das Comunicações Paulo Bernardo, afirmou hoje, que as operadoras de telecomunicações fecharão 2014 com investimentos de R\$ 30 bilhões, sem contar com os R\$ 5 bilhões pagos hoje, 5, pela frequência de 4G.

Esta semana, o SindiTelebrasil divulgou que os investimentos do setor de telecom somavam R\$ 19 bilhões, até setembro, valor superior ao do ano passado, de R\$ 17,9 bilhões. O terceiro trimestre do ano é, normalmente, quando as operadoras de

telecomunicações intensificam o Capex. No ano passado, o setor fechou com investimentos de R\$ 27 bilhões.

Na solenidade de assinatura das outorgas de licenças de 700 MHz, Paulo Bernardo assinalou que foi uma disputa acirrada por esta frequência entre o setor de telecomunicações e de radiodifusão, mas que, no final, a Anatel conseguiu resolver a disputa a contento.



05/12/2014 - Rede Brasil Atual

OIT: trabalhadores recebem parcela menor do crescimento econômico

Segundo relatório, o crescimento global dos rendimentos foi determinado principalmente pelas economias emergentes ou em desenvolvimento, mas com variações regionais. Brasil fica abaixo da média mundial



Os salários continuaram crescendo em 2013, segundo informe da Organização Internacional do Trabalho (OIT), mas em ritmo menor ao do período pré-crise. No ano passado, o aumento real (descontada a inflação) foi de 2% ante 2,2% em 2012. Em 2006 e 2007, antes da crise global, as altas estavam em torno de 3%. A OIT chama a atenção também para o fato de que a produtividade vem crescendo acima dos rendimentos, principalmente nos países desenvolvidos. "O crescente desajuste entre salários e produtividade se traduz em uma proporção cada vez menor do Produto Interno Bruto (PIB) destinada ao trabalho, enquanto uma proporção cada vez maior vai para o capital", diz o relatório.

Ainda de acordo com o informe divulgado hoje (5), o crescimento dos salários nos últimos anos é determinado, principalmente, pelas economias emergentes e em desenvolvimento. "Há, no entanto, importantes variações regionais", lembra a OIT. Na Ásia, por exemplo, a alta em 2013 chegou a 6%.

No Oriente Médio, a 3,9%. Mas vai a apenas 0,9% na África e a 0,8% na América Latina e no Caribe, e praticamente fica estagnado nas economias desenvolvidas (0,2%). "Em alguns casos – incluindo Grécia, Irlanda, Itália, Japão, Espanha e Reino Unido – os salários médios reais em 2013 encontravam-se abaixo do seu nível de 2007", aponta a OIT.

A China é responsável por parte significativa do crescimento. Excluído o gigante asiático, a alta de 2% no ano passado se reduz para 1,1%. Em 2012, passa de 2,2% a 1,3%.

O relatório faz menção a certa redução da desigualdade em países da América Latina, citando o Brasil, onde o crescimento real dos salários foi menor de 2012 para 2013. Depois de subir 4,1% no ano anterior, a alta passou a 1,8%, abaixo da média mundial.

Depois de crescer 2,8% em 2006 e 3,1% em 2007, os salários subiram apenas 1,2% em 2008, já sob os efeitos da crise. Nos anos seguintes, o comportamento foi instável: 1,6% em 2009, 2,2% em 2010 e 1% em 2011.

"O estancamento dos salários deve ser abordado como uma questão de justiça e de crescimento econômico", afirma a diretora geral adjunta para Políticas da organização, Sandra Polaski. "E como a desigualdade em geral é sobretudo uma consequência da desigualdade de salários, é necessário adotar políticas de mercado do trabalho para enfrentá-la", acrescenta. "Uma estratégia deveria incluir políticas sobre o salário mínimo, fortalecimento da negociação coletiva e eliminação da discriminação."



06/12/2014 - Rede Brasil Atual

Golpismo, 'comunismo', hipocrisia e reforma política

Doadores de campanhas não agem por interesse público. Não são 'azuis' nem 'vermelhos'. As distorções históricas do sistema político ainda sustentam um modelo que o país tem o desafio de superar

Nas últimas semanas, insatisfeitos com o resultado das eleições, golpistas que nos últimos anos praticavam seu ódio à democracia e às instituições pela internet têm convocado caminhadas pelo país, pedindo o impeachment da presidenta Dilma Rousseff ou intervenção militar. Para tentar derrubar o governo, os novos golpistas fazem como fizeram os que os antecederam na história brasileira, que praticamente mataram Getúlio em 1954, tentaram inviabilizar Juscelino Kubitschek em 1955 e derrubaram João Goulart em 1964.

Apelam para o tosco, velho e surrado discurso anti-comunista da época da Guerra Fria, que justificou crimes como os milhares de civis mortos e torturados no Chile, na Argentina, na Indonésia, e em conflitos prolongados e estéreis como a Guerra do Vietnã.

Dizer que é comunista um país em que o sistema financeiro lucra bilhões, em que as multinacionais fazem o mesmo e remetem fortunas para o exterior, em que qualquer cidadão pode montar um negócio a qualquer momento, com ajuda do governo e de instituições, como o Sebrae, e em que nossos armamentos são produzidos em estreita cooperação com empresas inglesas, norte-americanas, francesas, suecas, israelenses, é tremenda hipocrisia.

À oposição institucional cabe também agir com responsabilidade. Caso fosse adiante um pedido de impeachment, ou caso venha a ser impedida por outras manobras a diplomação de Dilma Rousseff, a ascensão do vice Michel Temer à Presidência da República correria, em vez de ajudar, as chances de Aécio Neves de chegar ao Palácio do Planalto em 2019. E na remotíssima possibilidade de os golpistas terem sucesso por outros meios, jamais entregariam o poder ao ex-governador mineiro. Os mais radicais o desprezam e desconfiam de seu discurso antipetista.

O problema do Brasil não é comunismo, como apregoam essa minoria extremista e alguns golpistas de plantão, em seus comentários nos portais e redes sociais.

O que põe a opinião pública em estado de perplexidade é a corrupção. Esse mal nasce de uma acumulação histórica de defeitos no universo político, como o clientelismo e o fisiologismo, que vêm desde o Brasil Colonial. Sua raiz está na busca permanente do poder, por partidos e candidatos, e da necessidade de fontes de financiamento para suas campanhas. No caso da Petrobras, o próprio Ministério Público declarou que o esquema funciona desde 1999 – logo, ainda antes da chegada do PT ao poder.

Quando das manifestações de junho de 2013, Dilma saiu em defesa de reformas que tirassem o país da dependência desse quadro de relações incestuosas entre o governo e o Congresso, e de se criarem mecanismos que permitissem maior espaço para a população manifestar seus anseios e interesses. Suas teses, no entanto, não prosperaram no Legislativo. Agora, que a reforma política volta à tona, o que importa é saber se teremos uma de fato, ou se uma reforma de faz de conta, comandada pelos grupelhos de sempre, com mudanças cosméticas para enganar a população.

O caixa dois não é mais do que uma extensão do financiamento eleitoral privado, e legal. O menos citado caixa um, que poderia ser suprimido por meio do financiamento público de campanhas, como prevê a proposta de reforma política defendida por entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e tantas outras entidades e movimentos com representação em amplos setores sociais.

No meio desse processo estão pilantras que aparecem para viabilizar “negócios” e “acertos”, extorquem recursos de empresas e irrigam, com parte dos recursos auferidos, candidatos e partidos. Eles não agem em nome do interesse público ou partidário, não são “azuis” ou “vermelhos”, nem “golpistas” nem “comunistas”. Se existisse um termo exclusivo para defini-los, seria simplesmente “corruptistas”, ladrões que se aproveitam das distorções históricas do atual sistema político.



Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação e Publicidade Ltda | Jornalistas Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

08/12/2014 - Portal Vermelho

Sem Minha Casa, Minha Vida muitos trabalhadores estariam desempregados

Mineiro, natural de Pompeu (MG), o mestre de obras Acrísio dos Reis Campos (63), se mudou para Brasília há quatro anos para trabalhar em canteiro de obras do Minha Casa, Minha Vida, no município de Valparaíso (GO), a cerca de 30km da capital. Ele é um dos trabalhadores da área de construção civil

beneficiados pela geração de 1,2 milhão de novos postos em todo o país em cinco anos de programa, conforme estudo recente da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Assista ao vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=fwnqqafVFIY>

07/12/2014 - Portal Vermelho

Pesquisa aponta que 75% aprovam governo Dilma Rousseff

Contrariando artigos de personalidades enterradas e revelando a falta de capilaridade social da insistente onda golpista, pesquisa Datafolha divulgada neste domingo (7) mostrou que 75% (42% consideram "boa ou ótima", 33% regular) aprovam, e o governo da presidenta Dilma Rousseff.



Outro ponto avaliado foi o combate à corrupção, a pesquisa revela que para os brasileiros (40%), nunca houve tanta punição aos corruptos como hoje.

A pesquisa também apontou que bandeiras

como saúde (43%) e segurança (18%) são os assuntos que mais preocupam os brasileiros. Somente 24% como ruim ou péssimo.

Democracia

Pesquisa Ibope, também publicada neste domingo (7), indicou que a satisfação dos brasileiros com o regime democrático cresceu 13% em 2014 e atingiu o melhor nível desde 2010. De acordo com o levantamento, 39% dos brasileiros estão satisfeitos ou muito satisfeitos com o regime democrático.

A pesquisa também apresetou um diferença entre regiões. No índice de satisfação atinge 50% no Nordeste e apenas 32% no Sudeste.

O dados alertam sobre o clima da atual conjuntura política. Por que a região supostamente mais "moderna" do Brasil estaria cultivando um sentimento como esse?



08/12/2014 - Portal Vermelho

Produção de petróleo e gás no Brasil bate novo recorde em outubro

A produção de petróleo bateu novo recorde no País em outubro, com 2,393 milhões de barris diários de petróleo, acima dos 2,358 milhões registrados em setembro. Esse aumento correspondente a um avanço de 1,5% em relação ao mês anterior e de 15,1% na comparação com outubro de 2013, segundo balanço divulgado na última quarta-feira (3) pela Agência Nacional do Petróleo (ANP).

A produção total de petróleo e gás natural do mês alcançou cerca de 2,98 milhões de barris de óleo equivalente (BOE) por dia, sendo, deste total, 92,7 milhões de metros cúbicos de gás natural. Com isso, a produção de gás natural superou o recorde de 90,9 milhões de metros cúbicos diários, alcançado em agosto deste ano, apresentando aumento de 4,2% em relação a setembro de 2014 e de 27,2% em relação a outubro de 2013.

Pré-sal

A produção no pré-sal aumentou 14,1% em relação ao mês anterior, totalizando 739,5 mil barris de óleo equivalente por dia, sendo 607,1 mil barris diários de petróleo e 21 milhões de metros cúbicos de gás natural por dia.

A produção teve origem em 40 poços, localizados nos campos de Lula, Jubarte, Sapinhoá, Baleia Azul, Baleia Franca, Barracuda, Caratinga, Marlim Leste, Linguado, Pampo, Trilha, em Teste de Longa Duração no bloco BM-S-11 e em Teste de Formação Rochosa na área de Entorno de Iara.

Os poços do pré-sal são aqueles cuja produção é realizada no horizonte geológico denominado pré-sal, em campos localizados na área definida no inciso IV do caput do art. 2º da Lei nº 12.351, de 2010.

Queima de gás

O aproveitamento do gás natural no mês foi de 95,8%. A queima de gás natural em outubro foi de

3,9 milhões de metros cúbicos por dia, uma redução de aproximadamente 1,9% em relação ao mês anterior e aumento de 37,2% em relação a outubro de 2013.

Campos produtores

Em torno de 90,9% da produção de petróleo e gás natural foram provenientes de campos operados pela Petrobras. Aproximadamente 93% da produção de petróleo e 74,6% da produção de gás natural do Brasil foram extraídos de campos marítimos.

O campo de Roncador, na bacia de Campos, foi o de maior produção de petróleo, com média de 328 mil barris por dia. O maior produtor de gás natural foi o campo de Lula, na bacia de Santos, com média diária de 8,9 milhões de metros cúbicos.

A plataforma FPSO Cidade de São Paulo, localizada no campo de Sapinhoá, produziu, através de 4 poços a ela interligados, cerca de 132 mil barris de óleo equivalente por dia e foi a unidade com maior produção. Os campos cujos contratos são de acumulações marginais produziram um total de 85 barris diários de petróleo e 1,9 mil metros cúbicos de gás natural por dia.

Dentre esses campos, Bom Lugar, operado pela AlvoPetro, foi o maior produtor de petróleo e gás natural, com 38,3 barris de óleo equivalente por dia.

A produção procedente das bacias maduras terrestres (campos/testes de longa duração das bacias do Espírito Santo, Potiguar, Recôncavo, Sergipe e Alagoas) foi de 171,1 Mboe/d, sendo 140,3 Mbbbl/d de petróleo e 4,9 MMm³/d de gás natural. Desse total, 4,1 Mboe/d foram produzidos por concessões não operadas pela Petrobras, sendo 311 boe/d no Estado de Alagoas, 1.997 boe/d na Bahia, 7 boe/d no Espírito Santo, 1.517 boe/d no Rio Grande do Norte e 253 boe/d em Sergipe.



07/12/2014 - Carta Capital

Desigualdade patrimonial é pior que a de renda

É o que indica estudo inédito. Apoiado por futuro ministro do Planejamento, projeto de lei tenta expor a situação

A riqueza gerada pela economia mundial é de cerca de 75 trilhões de dólares por ano. Se fosse distribuída por igual entre os habitantes do planeta, cada um teria uns 870 dólares mensais. Pelo câmbio atual, 2,2 mil reais. A realidade econômica varia pelo globo, então pode-se viver melhor ou pior com tal renda, dependendo do país – e das ambições individuais, claro. Mas uma coisa parece certa. É ilusão achar que todo mundo pode enriquecer trabalhando: a produção diária de riqueza é insuficiente. Criar empregos tem, portanto, um efeito limitado na melhoria de vida das pessoas.

Para distribuir mais a renda, a solução parece ser a busca de fontes alternativas à riqueza gerada cotidianamente. Por exemplo: o patrimônio acumulado ao longo dos tempos pelos milionários. Imóveis, terrenos, ações, aplicações financeiras, artigos de luxo poderiam ser mais taxados pelos governos e repartidos com as populações na forma de serviços públicos. Isso permitiria aliviar os impostos cobrados no consumo, punitivos dos mais pobres. É mais ou menos o caminho sugerido pelo economista do momento, o francês Thomas Piketty, autor do badalado livro *O Capital no Século XXI*.

O Brasil tem uma resistência histórica a tributar o patrimônio e até mesmo a debater o tema. Já despontam, no entanto, iniciativas capazes de ao menos estimular a discussão. Um estudo inédito feito por um economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) oferece pistas de que a desigualdade patrimonial brasileira supera – e muito – a de renda. Uma lei discutida no Congresso tenta expor a situação e encontra um simpatizante no

futuro ministro do Planejamento, Nelson Barbosa.

Embora não haja dados oficiais sobre a desigualdade nacional a incluir o patrimônio no cálculo, o pesquisador André Calixtre, do Ipea, fez um esforço para tatear a situação. Ele analisou 480 mil declarações de bens entregues à Justiça eleitoral por todos os candidatos a prefeito e vereador na campanha de 2012. A base de dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não é uma representação perfeita da sociedade, reconhece Calixtre. Há razões também, diz, para desconfiar da sinceridade das informações prestadas pelos candidatos – parecer muito rico pode não pegar bem junto ao eleitorado, além de chamar a atenção da Receita. Muitas declarações continham erros também.

Feitas estas ressalvas, o economista apurou que o índice de desigualdade patrimonial entre os candidatos era de 0,81, considerando-se inclusive os postulantes que disseram não ter bens. E de 0,70, excluindo-se a turma de patrimônio zero. Os dois índices estão bem acima da desigualdade calculada pelo IBGE só com base na renda. Em 2012, este índice, conhecido como Gini, era de 0,49. Quanto mais perto de um, maior é a desigualdade. “A análise da base de dados do TSE sugere que a desconcentração de renda ocorrida nos últimos anos foi acompanhada de uma concentração da propriedade, como aconteceu na Coreia do Sul”, afirma Calixtre. “A desigualdade patrimonial no Brasil é muito maior do que na renda. Precisamos tributar mais os mais ricos.”

Leia mais em:

<http://www.cartacapital.com.br/economia/desigualdade-patrimonial-e-pior-que-a-de-renda-7561.html>